

Meditação sobre as palavras de Gurumayi

por Eesha Sardesai

Kali Yuga, o tempo para a *sadhana*

Fiquei fascinada pelo que Gurumayi disse, durante o *satsang*, sobre as *yugas*. De acordo com as escrituras da Índia, estamos vivendo atualmente em Kali Yuga. Gurumayi mencionou como as pessoas tendem a falar sobre Kali Yuga com medo e apreensão; elas a veem como sinônimo de caos e ruína.

A questão é que tanto a bondade quanto a destruição ocorreram em todas as *yugas*. Até mesmo uma leitura superficial das escrituras e histórias indianas revelará isso. No entanto, por alguma razão, a perversidade em Kali Yuga é percebida como se tivesse um peso maior do que teve em *yugas* anteriores.

Eu gostei muito quando Gurumayi falou sobre como os santos da Índia eram destemidos pela expectativa de Kali Yuga. Eles não se encolhiam de medo. Em vez disso, encaravam esta *yuga* como uma oportunidade. Eles encorajavam todos a realizar sua *sadhana*, a cantar o nome de Deus, a entender que mesmo uma única repetição do nome de Deus pode levar à iluminação. Quando muito, eles encaravam como o perigo real esquecer o nome do Senhor. Como disse o santo-poeta Namdev em um de seus *abhangas*: “Ó Senhor, seu nome é mais doce do que néctar. No entanto, Ó Keshava, por que minha mente não o repete?”

Sem dúvida, a *sadhana* pode e deve ser feita nos bons e nos maus tempos. Isso é pertinente esteja a luz do sol visível ou eclipsada da vista. Porém, eu já percebi – e talvez você também – que tendemos a sentir um ímpeto adicional para fazer *sadhana* quando as coisas não estão indo tão bem. É

mais fácil “relaxar” durante os períodos bons, adiar nossas práticas para amanhã e depois de amanhã e o dia seguinte, enquanto nos envolvemos com um falso (ou, pelo menos, temporário) sentimento de segurança que repousa naquilo que podemos ver e sentir e tocar fora de nós mesmos.

Mas quando essas fundações externas começam a balançar, quando o risco de colapso é subitamente concebível de uma forma que talvez não tenha sido há um ano ou uma década, então é natural procurar por aquilo que é sempre estável. Onde é que podemos infalivelmente encontrar refúgio, não importa como o oceano do *samsara* se agite e borbulhe ao nosso redor? É num lugar dentro de nós, a morada para a qual o Guru nos guia – e que podemos alcançar somente por meio de nossa *sadhana* diligente.

Agora deixe eu lhe perguntar: essa não é a verdade?

